

O Príncipe e o Plebeu

A candidatura presidencial de Luís Inácio Lula da Silva desta vez parece que desatracou, tendo como testemunhas parlamentares federais do PC do B (em torno de uma dezena, se tanto). A pedra fundamental é um frase cujo sentido cabalístico sobreviverá ao candidato: "a supimpa do príncipe da sociologia acabou". Suspeita-se que a referência foi ao presidente Fernando Henrique. A ala moderada do PT entendeu que, onde foi dito supimpa, o candidato queria dizer soberba. Os radicais acham que foi um enigma digno de um oráculo grego.

O eterno candidato botou o pé na campanha eleitoral com a ressalva de que não mudou. Não precisa dizer. É uma pena que não tenha aproveitado melhor os dois mandatos ociosos. Apesar da modéstia, Lula mudou: já usa gravata e educou pelo menos a barba, que perdeu aquele toque de desmazelo. Terá mudado menos no uso dos pronomes e no trato dos plurais que o perturbam visivelmente, mas isso é de pequena importância para quem se propõe a virar o Brasil de pernas para o ar. Por que a gramática tem de ser luxo da classe dominante? Supimpa, mesmo, seria o candidato botar no seu programa a democratização gramatical.

Em matéria de frases, não se sabe se Lula é conduzido por elas ou se as cavalga. Ao referir-se ao presidente da República como alguém que "não passa de um pote de vaselina" Lula não escoregou na gramática mas nas maneiras civilizadas de referir-se com um mínimo de respeito a

uma autoridade: respeito pelo mais alto cargo (que ele cobiça desde jovem) e não pelo eventual ocupante. A terceira candidatura devia mostrar um Lula gramaticalmente correto, com maneiras adequadas à pretensão e isento de tudo aquilo que faz possíveis eleitores do PT desistirem. Ninguém quer ser vítima de um retrocesso cultural e educacional.

Em matéria de educação, aliás, Lula não perdeu a oportunidade de passar a mão na cabeça dos garotos que nem estão na idade eleitoral e, em encontro transmitido pela televisão, deram ao presidente da República tratamento de você, que pressupões intimidade pessoal. Aprenderam certamente com o próprio Lula, que usa essa forma de intimidade (que não tem) falsamente democrática. A democracia começa pelo respeito à educação pessoal. Coisas assim depõem contra quem as diz. Os eleitores não apreciam intimidade sem respeito mútuo. Se um dia viesse a ser presidente, Lula certamente faria questão de formas respeitosas.

Quanto ao mais, Lula foi o mesmo a quem seu atual parceiro Leonel Brizola chamou de "sapo barbudo". A velha fábula do príncipe e do sapo fica à disposição de versão atualizada em que contracenem o príncipe da sociologia e sapo barbudo: sendo a solução nas urnas, o sapo sonha com o beijo das urnas para desencantar do castigo populista e se tornar enfim o príncipe da república sindicalista, livre de despeito e com uma gramática e um código de boas maneiras.